

HITÓRIAS EM QUADRINHOS EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA ABORDAGEM DE LEITURA LITERÁRIA

Cristina Rothier Duarte (1); Ana Paula Serafim Marques da Silva (2); Orientadora Girlene Marques
Formiga (3)

*Instituto Federal da Paraíba (cristinarothier@hotmail.com)¹; Universidade Federal da Paraíba
(anapaulasms0108@gmail.com)²; Instituto Federal da Paraíba (gformiga@uol.com.br)³*

Resumo: Frente ao distanciamento dos estudantes diante do texto literário muito se tem debatido acerca de metodologias de ensino de Literatura, a fim de conferir-lhe um lugar na escola capaz de levar a leitura literária para a vida do aluno, ou seja, conduzi-la para além desse *locus*, o que significa promover uma reaproximação a ponto de torná-lo um leitor efetivo. Nesse contexto, as adaptações têm funcionado como uma ferramenta de apresentação de obras literárias importantes e favoráveis para a formação leitora, incluindo-se também o formato das histórias em quadrinhos. Assim, com fundamento na teoria da adaptação (HUTCHEON, 2013), que concebe esta como revisitações de obras adaptadas, bem como em estudos que reconhecem a importância das histórias em quadrinhos para a formação literária do leitor infantil e juvenil (DA COSTA PINA, 2014; RODRIGUES, 2014), neste trabalho, propõe-se compreender o lugar que pesquisadores dedicados ao estudo da formação leitora têm conferido a essa forma de expressão artística, as histórias em quadrinhos. Para tanto, pretende-se investigar o papel das adaptações em quadrinhos para a aproximação do leitor em formação e também descrever algumas metodologias utilizadas por especialistas para promoção da leitura literária em sala de aula por meio desses textos. Metodologicamente, empregamos a pesquisa descritivo-interpretativa de cunho qualitativo para a realização da revisão bibliográfica e para a compreensão dos métodos utilizados em leitura literária. Como resultados, verificamos que as histórias em quadrinhos têm o poder de sobrepular uma eventual monotonia que um leitor incipiente pode sentir em face a um texto adaptado, em razão dos múltiplos sentidos que despertam, contribuindo, assim, para o processo de formação leitora de crianças e jovens.

Palavras-chave: leitura literária, adaptação, histórias em quadrinhos.

1 Introdução

Muito se tem estudado e discutido acerca de metodologias de ensino de Literatura devido ao distanciamento por parte de alguns alunos diante do texto literário, a fim de conferir-lhe um lugar na escola capaz de levar efetivamente a leitura literária para a vida do aluno, o que significa promover uma (re)aproximação texto literário-leitor.

Nesse diapasão, as adaptações têm funcionado como uma ferramenta de (re)apresentação de obras literárias de importante significação para a formação leitora, incluindo-se aí, também, as histórias em quadrinhos, compreendidas, conforme Eisner (1989, p. 5), como uma estética singular, “[...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma idéia (sic)”. Diante disso, interessa-nos, pois, neste artigo, entender o lugar que pesquisadores dedicados ao estudo da formação leitora têm conferido a essa forma de expressão artística e produto cultural.

Embasados nos referenciais teóricos, elaboramos uma pesquisa descritivo-interpretativa de cunho qualitativo para a realização da revisão bibliográfica e para a compreensão dos métodos utilizados em leitura literária, mediante a apresentação de duas propostas de leitura literária a partir de história em quadrinhos.

Este trabalho, assim, está dividido em três partes fundamentais: na primeira, seção 2, tratamos do fundamento na teoria da adaptação, por meio da concepção da Linha Hutcheon (2013); na segunda, seção 3, discutimos o papel das histórias em quadrinhos na formação literária do leitor infantil e juvenil, por meio dos estudos de Da Costa Pina (2014) e Rodrigues (2014); e, por fim, na terceira, seção 4, apresentamos duas propostas de leitura realizadas a partir de textos quadrinizados, a de Feba e Ramos (2011), em que a prática adota a adaptação de um clássico da literatura – *Orfeu e Eurídice* – como texto base, e a de Mendonça (2009), cujo método, apesar de não partir de uma adaptação de texto literário, mas de narrativas biográfica em quadrinhos, pode, sem qualquer prejuízo, ser levado para sala de aula, a fim de se trabalhar obras literárias.

2 Teoria da adaptação: compreensão da literatura em histórias em quadrinhos

O processo de adaptação é um recurso bastante presente na história da humanidade. Desde as primeiras histórias populares, como contos de fadas, contos maravilhosos que conhecemos, temos conhecimento acerca da existência de adaptações, manifestadas, por meio dos próprios contadores de histórias da tradição oral, quando atualizavam suas narrativas a cada interação com o público, bem como, posteriormente, por meio dos registros escritos dos folcloristas, que, a depender de suas tradições culturais e suas raízes históricas, “adequavam” as narrativas de acordo com especificidades correspondentes a diferentes épocas e regiões. Nesse contexto, temos como exemplo bem próximo, o nascimento da literatura brasileira endereçada ao jovem leitor. Ainda desprovida de uma produção nacional, essa literatura, em seus primórdios, é marcada pelo processo

adaptativo, já que os primeiros livros que as crianças tiveram acesso foram de adaptações e traduções de clássicos europeus, como os de Charles Perrault (1628-1703), os de Andersen (1805-1875) e os dos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, chegados ao Brasil no século XIX. Numa perspectiva temporal mais ampla, as adaptações dos clássicos constituem modos de ler na Roma Antiga no século I d.C, quando os retóricos se apropriavam de obras clássicas integrais adaptando-as aos seus pupilos (FORMIGA, 2009).

Linda Hutcheon (2013, p.9) define a adaptação como “[...] uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro”, ou seja, não é uma mera reprodução de um sistema já existente, mas sim uma produção, que independe do texto fonte a ser interpretada e recriada em um novo suporte. Conforme a autora, deve-se compreender uma adaptação como *tal* e não meramente uma cópia derivada e secundária, questão que há muito tempo vem sendo discutida no meio acadêmico. É certo que um texto adaptado não substitui o texto primeiro – o de partida –, visto que ambos visam a comunidades de leitores diversos. Nessa condição de suporte e público diferenciado, convém indagar até que ponto as modificações empreendidas no texto primeiro comprometeriam um bem maior, qual seja: o valor individual e social permitido graças ao acesso a uma obra que pode ser representativa na vida do leitor, ampliando, ainda, as possibilidades de ser revisitada em qualquer tempo em sua versão primeira.

Embora recaia sobre a adaptação uma conotação negativa, é surpreendente perceber a quantidade crescente de adaptações que, atualmente, estão presentes em variadas artes e inúmeros suportes – a adaptação é recorrente no cinema, no teatro, na literatura etc –, e motivos distintos podem estar por trás dessa variedade de textos adaptados, seja para mostrá-los, apresentando um texto literário considerado hermético, difícil, do ponto de vista linguístico e de um contexto histórico distante, seja para fazê-los interagir mais dinamicamente com seus leitores. De um modo ou de outro, é inegável que a adaptação promove o acesso a textos de grande influência em nossa cultura, mas considerados de difícil compreensão por leitores neófitos.

Consideramos que a adaptação de diversos gêneros textuais para quadrinhos oferece ao leitor um texto que apresenta maiores possibilidades de leituras devido ao seu caráter híbrido, o que oportuniza a ampliação de sua atitude crítica, favorecendo ao leitor questionamentos diante do texto de origem e do texto em quadrinhos. Conforme Linda Hutcheon (2013, p. 10), “[...] a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias”. Com base nesse posicionamento, podemos constatar que, na passagem de um gênero em prosa para os quadrinhos, a estrutura narrativa é modificada,

transformada e recriada, o que contribui positivamente para a formação leitora da criança ou do adolescente, suscitando descobertas, significados e sentimentos variados, fato que torna o recurso adequado a ser utilizado na sala de aula.

Ao tratar de clássicos universais literários, Machado (2002) defende que o primeiro encontro de um jovem leitor com um clássico não seja com a versão do texto fonte (do qual partem as adaptações), pois, dependendo da idade e da maturidade do leitor, o ideal é uma adaptação bem elaborada e atraente, tendo em vista que, conforme Ceccantini (1997, p. 7), “[...] a cada adaptação bem realizada de um clássico (nas várias linguagens) é grande o número de leitores que se dirige aos textos originais.”. Compreendemos, assim, que as adaptações podem ampliar o público literário, haja vista ler uma obra adaptada, principalmente em quadrinhos – linguagem que seduz o público mirim –, pode aguçar a curiosidade do leitor, levando-o à leitura da obra de origem, outrora, muitas vezes, esquecida e distanciada de seu universo social.

As histórias em quadrinhos são adaptações que apresentam variados tipos¹ dentro de um mesmo gênero e mídia ou transpostas para outras mídias e gêneros. Diante dessa variedade, os diversos gêneros literários adaptados para os quadrinhos apresentam-se como novas possibilidades textuais criativas, proporcionando o aumento do capital cultural e da recepção do público de massa.

Assentados em Hutcheon (2013), entendemos que uma adaptação bem-sucedida é aquela que agrada a todos, independentemente de o leitor conhecer ou não o texto adaptado. Desse modo, percebemos que o poder de atratividade dos quadrinhos é capaz de aproximar o leitor do texto literário. Para que a adaptação chegue ao aluno, no entanto, é preciso que o texto seja conhecido pelo professor, daí a importância de este conhecer essas adaptações, os estudos que as permeiam e as práticas mediadoras de leitura, a fim de adquirir a competência no momento da escolha de uma quadrinização a ser trabalhada em sala de aula.

3 O papel das histórias em quadrinhos na formação leitora

De acordo com uma notícia divulgada pelo Estadão, em 18 de maio de 2016, 44 % (quarenta e quatro por cento) da população brasileira não lê, e 30% (trinta por cento) nunca comprou um livro. Tais números foram apresentados pela quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil². No

¹ As histórias em quadrinhos, segundo a classificação de Franco (2001), são tipificadas de acordo com as diferentes formas midiáticas em que são manifestadas: página dominical, tira de jornal, revista periódica ou comics book, álbuns ou graphic novels, fanzines, manuais didáticos e story boards, todas entendidas pelo autor como formas impressas. Além desses tipos de HQs, ele aponta como formas experimentais o Vídeo BD, a HQ Radiofônica e a HQ ao Vivo.

² “Realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, entidade mantida pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), a pesquisa ouviu 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, mesma amostra da pesquisa passada. Isso representa, segundo o Ibope, 93% da população

entanto, essa problemática, denominada crise da leitura, não é recente e tem sido constantemente abordada como mote para investigações por parte de muitos estudiosos (COLOMER, 2007; TODOROV, 2009; LAJOLO, 2010), assim como as metodologias e pesquisas outras que envolvem a leitura literária como objeto de apropriação do leitor.

Nesse âmbito, inserem-se as adaptações da literatura para histórias em quadrinhos. Muitos estudos vislumbram as quadrinizações como ponte para se chegar à literatura dita canônica (DA COSTA PINA, 2010; 2014; RODRIGUES, 2014). Sua linguagem híbrida, em que conjuga texto verbal com imagens, colabora como atrativo, elevando o potencial sedutor da literatura ao nível das mídias que hoje competem com ela pela atenção, especialmente, do público jovem, o principal grupo afetado pela influência dispersante que jogos, redes sociais, filmes etc. exercem sobre esses leitores iniciantes.

A fim de fundamentar a tendente preferência dos jovens pelas mídias na contemporaneidade, Da Costa Pina (2010), apoiando-se na teoria do leitor implícito do professor e pesquisador alemão Wolfgang Iser (2010, p. 262), assevera que “[a] obra responde às necessidades de uma dada época, de uma dada cultura, segundo a ótica de um indivíduo que responde por sua autoria, a partir da introjeção de mecanismos textuais capazes de fazer o texto interagir com os leitores reais [leitor empírico]”. Sendo assim, o leitor empírico, muitas vezes, por não estar inserido no contexto original da obra, tende a repeli-la, mesmo tratando-se de conteúdos universais.

O leitor de carne e osso nem sempre partilha esse mesmo contexto original e, mesmo que o faça, constitui-se em um indivíduo outro, uma subjetividade diferente daquela que engendrou o texto. Daí a interação depender de uma assimetria básica: o repertório e o horizonte de expectativas do autor e do leitor empírico (real, concreto) não são os mesmos, ainda que partilhem pertencas temporais e culturais (DA COSTA PINA, 2010, p. 262).

Embora haja a possibilidade de afastamento do leitor, essa assimetria não impede o trânsito de sentidos. Segundo a autora, “[a mencionada assimetria] viabiliza o diálogo, pois provoca o desejo de interação” (DA COSTA PINA, 2010, p. 262) entre o leitor empírico, que deseja entender o que lê, e o leitor implícito, concebido como “estruturas textuais que desenham o caminho da leitura desejado pelo sujeito que escreve” (ISER, 1979, *apud* DA COSTA PINA, 2010, p. 262). Nessa perspectiva, ainda de acordo com a autora, o texto ficcional apresenta lacunas, não sendo, portanto, pleno em si. Essas lacunas que trabalham provocativamente no leitor constituem-se como um dos elementos das histórias em quadrinhos – as elipses, compreendidas como os espaços vagos existentes nos trechos sequenciados dos quadrinhos, que o leitor, subentendendo o seu significado, complementa mentalmente, dando uma continuidade harmoniosa à narrativa verbo-visual.

brasileira” (RODRIGUES, 2016).

No tocante ao jogo que a leitura literária proporciona ao leitor, Da Costa Pina (2010, p. 264) o considera como um elemento cuja “[...] tensão que o preside é que funcionaria como instrumento de provocação dos interlocutores textuais, transformando-os a partir da interação com o texto lido”. Com efeito, a linguagem híbrida dos quadrinhos, para a autora, é própria para a ludicidade que encerra essa expressão artística³. Nesse contexto, a quadrinização funciona como uma linguagem que possibilita uma aproximação com o texto literário mediando a relação texto-leitor empírico contemporâneo influenciado pelas tecnologias e pelas mídias, pois as dificuldades sentidas por esses jovens, ao empreender a leitura do cânone, são amenizadas com os quadrinhos. Tal situação é dada não apenas pelo fato de sua leitura híbrida, mas, em razão de ser uma adaptação, sua criação é direcionada especificamente para aquele determinado público, atendendo ao seu gosto, isso porque aproxima “[...] o impresso das mídias com as quais esse consumidor já está habituada (sic) em seu cotidiano” (DA COSTA PINA, 2010, p. 269).

Cientes do papel da literatura para o homem e adeptas da sua função humanizadora (CANDIDO, 2011; TODOROV, 2009; BARTHES, 1977), não pretendemos questionar o valor da leitura literária canônica e clássica, contudo nos afastamos de concepções teóricas que marginalizam as adaptações, tendo em vista que a fruição estética atinente aos quadrinhos apresentam um grande potencial de “ampliar a capacidade cognitiva ligada à leitura dos elementos simbólicos da própria literatura”, além de que pode, conseqüentemente, “criar, nesse leitor escolar em formação, o hábito de desenvolver teias de relações – dentro do próprio texto literário e também fora dele, incluindo articulações com outras linguagens narrativas e/ou artísticas em geral” (RODRIGUES, 2014, p. 235). Assim, entendem as autoras Da Costa Pina (2010) e Rodrigues (2014) que uma leitura complementa a outra, no sentido de que, se lidos primeiramente, os quadrinhos podem despertar no leitor a inquietação de conhecer a obra adaptada, ao mesmo tempo que confere múltiplas possibilidades de leitura, como ocorre com toda leitura literária; e, se lidos posteriormente à obra de partida, ampliarão o universo de leitura desse leitor mediante a hibridização de linguagem que lhe é própria. Nesse sentido, Da Costa Pina (2014, p. 213) assevera que “[s]e no texto literário, o narrador produz imagens que se duplicam no imaginário do leitor, nos quadrinhos (ou nos filmes, novelas etc.), essas imagens são potencialmente multiplicadas, concretizando e pluralizando a proposta carregada por cada palavra escrita no texto de partida”.

A importância em apresentar para os leitores em formação a literatura em quadrinhos reside, destarte, no fato de que o contato com múltiplas expressões artísticas, incluindo-se aqui, literatura

³ Para Eisner (2010; 2013), as histórias em quadrinhos não são literatura, mas gênero artístico próprio.

manifestada em prosa, verso, verbo-visual, visual, permite-lhes a ampliação e superação do seu universo de expectativas, revelando-lhes múltiplas interpretações e formas de conhecer o mundo.

4 Práticas educativas para a leitura literária com histórias em quadrinhos

A escola é o lugar social que, por sua própria natureza, exerce a função de promoção da leitura. Muito embora, ao chegar ao ambiente escolar, as crianças já tenham tido contato com obras destinadas à sua faixa etária no seio familiar, é, nessa instituição, onde irão efetivamente realizar o processo de letramento, incluindo o literário⁴. No entanto, o simples fato de ter a capacidade de decodificar um texto não significa que o sujeito seja, realmente, um leitor. Segundo o que preconiza Azevedo (2003),

[L]eitores são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; pessoas que lêem (sic) jornais mas também lêem (sic) poesia; gente, enfim, que sabe utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento (2003, p. 2).

Depreendemos, diante das palavras do autor, que o *status* de leitor sucede à aquisição do letramento, o que significa dizer que somente é assim considerado o indivíduo com habilidade de se situar diante de um texto, compreendendo os objetivos sociais de sua leitura. O leitor, então, no contexto do letramento, empreende o ato de ler no sentido tecido por Cosson (2014, p. 27), ato que “[...] implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.”

No que diz respeito aos quadrinhos, o início da sua história é marcado pela leitura informal, ou seja, aquela realizada fora da escola. Estudos demonstram que por muito tempo esse modo de leitura não era recepcionado com bons olhos no ambiente de aprendizado formal. Segundo Vergueiro (2014),

[p]ais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar. (VERGUEIRO, 2014, p. 7-8).

No entanto, as histórias em quadrinhos, hoje, quando já são reconhecidas como a nona arte, está presente na sala de aula e, inclusive, têm despertado o interesse acadêmico, sendo abordadas como objeto de variados estudos.

⁴ Cf. concepção do termo apresentada por Rildo Cosson, disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario> Acesso em: 31 mar. 2017.

De acordo com o Portal do MEC⁵, os quadrinhos, no ano de 2006, passaram a ser adotados pelo PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), sob o fundamento de que⁶

[a] leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização. (PORTAL DO MEC, *on-line*).

Como podemos perceber, o lugar da leitura dos quadrinhos no universo escolar é legítimo, e, não raramente práticas de leitura têm sido adotadas para promoção do letramento literário dos alunos, como passaremos a descrever. Antes, porém, é importante esclarecer que os autores das propostas apresentadas nesta pesquisa concebem os quadrinhos de forma diferenciada. Feba e Ramos (2011) entendem as histórias em quadrinhos como expressão literária, de modo que se utilizam do termo texto literário quando se referem à história em quadrinhos que levam para a sua sequência. Mendonça (2014), por sua vez, compreende os quadrinhos uma arte autônoma, denominando-os, em sua proposta, como artes visuais.

Feba e Ramos (2011) apresentam uma proposta de sequência de atividades para se trabalhar a leitura de *Orfeu e Eurídice*, a partir de uma versão em quadrinhos⁷, fundadas nos pressupostos do letramento literário de Cosson (2006) bem como nas concepções de leitura de Martins (2002) e Paulo Freire (2003).

A sequência⁸ é iniciada com uma entrevista coletiva sobre a narrativa, composta por um roteiro de questões previamente elaboradas, para que os alunos expressem suas primeiras impressões. Trata-se de “uma sondagem preliminar dos níveis sensorial, emocional e racional da leitura” (FEBA; RAMOS, 2011, p. 229). Em seguida à entrevista e após a leitura do texto, as pesquisadoras propõem atividades de compreensão textual, a fim de propiciarem “um entendimento mais aprofundado, ultrapassando os limites do próprio texto ao dialogar com outros objetos de leitura” (FEBA; RAMOS, 2011, p. 229). Para arrematar a experiência, uma produção textual é sugerida “de acordo com um trabalho sistemático e organizado, que tem como aprimoramento a

⁵ Ver <http://portal.mec.gov.br/prolind/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/281-desde-quando-ha-livros-em-quadrinhos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 31 mar. 2017.

⁶ Consultar <http://portal.mec.gov.br/prolind/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/282-por-que-livros-em-quadrinhos-foram-incluidos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 31 mar. 2017.

⁷ Texto contido em *Mitos gregos: o voo de icaro e outras lendas*, de Márcia Williams (2005).

⁸ Neste trabalho, limitamo-nos a descrever sucintamente as etapas da sequência apresentada por Febas e Ramos (2011). Em seu texto, as autoras apresentam, com minúcias, todas as etapas da leitura literária em quadrinhos, bem como as atividades.

fase da refacção (BRASIL, 1998, p. 77), a partir da qual é possível refletir sobre a própria língua e exercitar a autoria.” (FEBA; RAMOS, 2011, p. 229).

As autoras argumentam que “[...] uma sequência como esta pode contribuir para reiniciar uma outra proposta de aprendizagem, a partir dos interesses dos alunos ou da programação do professor” (FEBA; RAMOS, 2011, p. 229). Assim, apontam uma nova proposta em que se inicia

[...] com a leitura do texto literário, propondo uma verticalização que favoreça a intertextualidade, utilizando (a) diversos gêneros discursivos, mas que abordem a mesma temática; (b) o mesmo gênero discursivos, trazendo a mesma temática, mas diacronicamente, por exemplo: ler poemas que tenham o tema da morte e que tenham sido produzidos por diferentes artistas ao longo de determinadas épocas; (c) a mesma temática representada nas diferentes formas de arte em uma determinada época, como a contemporânea, por exemplo. Com isso, o professor estará contribuindo para a formação de leitores capazes de entrecruzar linguagens e de acessar planos mais profundos na leitura. (FEBA; RAMOS, 2011, p. 230).

Mendonça (2009), por sua vez, apresenta uma proposta partindo de um texto em quadrinhos que não se trata de uma adaptação, no entanto, em razão da sua abordagem interdisciplinar, entendemos ser pertinente a sua inserção neste estudo. Ademais, o fato de não se referir a uma adaptação não impede que a metodologia utilizada pelo autor seja ajustada para a leitura de quadrinhos oriunda de adaptações de obras literárias. Expostos os motivos pelos quais se justificam a escolha da obra, descrevemos a seguir a sua proposta.

O texto em quadrinhos apresentado por Mendonça (2009) está contido em *Santô e os pais da aviação* (2005), obra que traz narrativas biográficas de personalidades históricas como Santos Dumont (1873-1932). Sua proposta, envolvendo a leitura do texto híbrido, preconiza “[...] identificar os elementos visuais característicos das histórias em quadrinhos para a montagem de um glossário e apresentar aos alunos as características da história em quadrinhos [...]” (MENDONÇA, 2009, p. 48). Conforme apresenta o autor, o plano é interdisciplinar, ancorado nas disciplinas de Artes e de Língua Portuguesa.

Mendonça (2009) propõe que a sequência se inicie com o reconhecimento prévio dos alunos acerca do seu repertório em relação aos elementos que caracterizam os quadrinhos, de modo a estimulá-los a elaborar os conceitos dos elementos típicos dos quadrinhos. Realizada essa fase, "Posteriormente, podem ser complementados ou introduzidos pelo professor os conhecimentos necessários em relação aos elementos diagnosticados e a outros não percebidos pelos alunos" (MENDONÇA, 2009, p. 49).

O autor justifica essa etapa, argumentando que o reconhecimento dos elementos visuais dos quadrinhos permite a compreensão de suas funções, significados e recursos para contar uma

história. Na verdade, ao ressaltar essa importância, o estudioso pretende promover uma leitura aprofundada das histórias em quadrinhos. Em seguida, a proposta traz a atividade glossário, em que os alunos registrarão os principais conceitos dos termos específicos dos quadrinhos (personagens, tipos de balões, tipos de planos, onomatopeia etc.).

O seu método de leitura abrange ainda a comparação da obra sugerida com outras produções, a fim de se identificar aspectos formais da obra, como cores, quantidade de páginas, tipos de personagens, formas de diálogo, cenários, disposição dos quadros. Segundo o autor, “[e]sse diagnóstico contribui para introduzir uma história em quadrinhos que foge aos padrões de leitura mais usual entre os alunos do ensino fundamental.” (MENDONÇA, 2009, p. 50). Aqui, o autor se refere especificamente à história em quadrinhos sugerida, por apresentar um projeto gráfico diferenciado dos quadrinhos que os alunos costumemente têm acesso, no entanto essa análise comparativa também se mostra adequada a ser realizada com a utilização de um texto literário em prosa – conto ou romance, por exemplo –, e uma adaptação em quadrinhos, mostrando aos alunos variadas formas de se posicionar como leitor literário.

A exploração de elementos visuais para compreensão do contexto e do sentido da história, como expressões faciais e postura corporal dos personagens em relação ao texto, é uma das possibilidades sugeridas por Mendonça direcionada para o professor de Arte. Já para o professor de língua portuguesa, sugere a análise de “[...] como se apresenta o texto ao longo da história, como as palavras são escolhidas para a história em quadrinhos e explorar o vocabulário.” (MENDONÇA, 2009, p. 51).

As propostas, aqui, descritas são uma pequena demonstração do universo de possibilidades que as histórias em quadrinhos podem oferecer para se trabalhar a leitura literária em sala de aula. Extrapolando o limite do verbal, ler o texto literário adaptado para os quadrinhos permite ao aluno uma nova forma de leitura, o que, conseqüentemente, possibilita a ampliação do seu acervo de obras lidas e estimula o percurso de novos caminhos a serem descobertos como leitor.

5 Considerações finais

A partir do que foi apresentado neste trabalho, verificamos que as histórias em quadrinhos têm o poder de sobrepujar uma eventual monotonia que um leitor incipiente poderia sentir em face a um texto adaptado, em razão dos múltiplos sentidos que despertam, contribuindo, assim, para o processo de formação leitora de crianças e jovens. Devido à linguagem híbrida inerente aos quadrinhos, sua leitura auxilia no entendimento da interação das duas linguagens – imagética e

textual –, o que possibilita ao leitor o desenvolvimento de novas habilidades leitoras. Além disso, os quadrinhos apresentam-se como uma espécie de degustação do texto de origem, desafiando o jovem leitor à leitura da obra literária da qual a adaptação derivou.

Tal é o potencial que os quadrinhos apresentam que, desde 2006, o PNBE os contempla, fazendo-os compor o seu acervo das bibliotecas escolares. A partir de então, essa forma de expressão artística tornou-se bastante presente nas escolas, e imerso, nessa nova conjuntura, o professor mediador de leitura, diante da tão debatida crise de leitura, ganha um novo aliado. No entanto, para que se opere uma aliança real, há a necessidade de que o docente, além de conhecer os textos em quadrinhos, saiba tirar proveito das possibilidades que essa linguagem lhe traz, o que se dá mediante o emprego de métodos eficientes e a oferta de uma adaptação de qualidade para o aluno, de modo que possibilite sua aproximação à herança cultural imortalizada nas grandes obras.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In PAIVA, Aparecida *et al.* **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro**, v. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precaria-divisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

CECCANTINI, João Luis Cardoso Tápias. A adaptação dos clássicos. In: **Proleitura**: publicação do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras de Assis / UNESP, Assis, SP, ano 4, n. 13, p. 6-7, abril. 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DA COSTA PINA, Patrícia Kátia. **Machado de Assis hoje**: o leitor entre o livro e a HQ. In: *Itinerários*, v.12, p. 261-276, 2010. Disponível em: <<http://itinerarios.uw.edu.pl/machado-de-assis-hoje-o-leitor-entre-o-livro-e-a-hq/>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

_____. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (org.). **Quadrinhos e literatura**: possíveis diálogos. São Paulo: Criativo, 2014.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Martins Fontes, 1989. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/1936951/book-eisner-will---quadrinhos-e-arte-sequencial>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil.** Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução André Cechinel. 2. ed. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

MACHADO, Ana Maria. Clássicos, Crianças e Jovens. In: **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2002.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. Biografias em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: < https://play.google.com/books/reader?id=c9FnAwAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PT48.w.0.0.63>. Acesso em 01 abr. 2017.

RAMOS, Flávia Brocchetto; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. Leitura de histórias em quadrinhos na sala de aula. In: SOUZA, Renata Juqueira; FEBA, Lúcia Tagliari (org.). **Leitura literária na escola: reflexões e proposta na perspectiva do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2011.

RODRIGUES, Maria Fernanda. 44 % da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. **Estadão (online)**, 18 de maio de 2016. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>. Acesso em: 31mar. 2017.

RODRIGUES, Vinícius da Silva Rodrigues. Os potenciais da narrativa gráfica na formação do leitor literário: hibridização e autonomia. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Org.). **Quadrinhos e literatura: possíveis diálogos.** São Paulo: Criativo, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: _____; RAMOS, Túlio; RAMA, Angela (org.). **Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula.** Editora Contexto, 2014. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=YctnAwAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PT6.w.1.2.7>. Acesso em: 01 abr. 2017.